



REVISTA KINESIS



Rev. Kinesis, Santa Maria, RS, v. 42, n. esp. 1, e84681, p.1-13, 2024 • <https://doi.org/10.5902/2316546484681>
Submissão: 07/08/2023 • Aprovação: 20/03/2024 • Publicação: xx/xx/2024

Dossiê Praxiologia Motriz

Minivoleibol para surdos e Praxiologia Motriz: um ensaio sobre práticas interdisciplinares de Educação Física e Fisioterapia

Deaf Mini Volleyball and Motor Praxeology:
an essay on interdisciplinary practices in Physical Education and
Physiotherapy

Mini Vóleibol para surdos y Praxiología Motriz:
un ensayo sobre prácticas interdisciplinarias de Educación Física y
Fisioterapia

Maria Esther Gomes de Souza^I  , Léo José Rubin Neto^{II} 

^I Centro Universitário Internacional, PR, Brasil

^{II} Centro de Ciências da Saúde e Centro de Educação Física e Desporto, Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

RESUMO

O ensaio apresenta o Minivoleibol para Surdos como uma proposta de metodologia adaptada para o ensino de voleibol para surdos, trazendo reflexões sobre representações sociais e o papel, de extrema importância, do esporte para a construção da identidade surda em relação ao mundo ouvinte. É realizada uma contextualização sobre a comunidade surda e o esporte, procurando citar apenas autores surdos nessa temática, apontando que os surdos não participam dos Jogos Paralímpicos, pois sua diferença está pelo desenvolvimento de suas potencialidades através do canal gestual-visual, não se enquadrando, também, nos Jogos Olímpicos e sim num evento próprio, as Deaflympics (Jogos Internacionais para Surdos). Nos treinamentos de voleibol para a comunidade surda realizados na Associação dos Surdos de Santa Maria (ASSM), percebeu-se que o modelo de treinamento técnico de atletas ouvintes não despertava o desejo de participação da atividade. Para os surdos, o treino deveria ter significado e relação direta com a lógica do jogo, sinalizando a aproximação com a Praxiologia



Motriz. Outro aspecto apontado é o equilíbrio de alguns surdoatletas ser diferente de atletas ouvintes durante a execução do toque, manchete, bloqueio, etc. O fisioterapeuta pode identificar estas singularidades e trabalhar junto com o profissional de educação física, a fim de possibilitar a ação motriz, havendo sugestão de exercícios de Pilates que podem ser integrados ao treinamento dos surdoatletas.

Palavras-chave: Minivoleibol para surdos; Praxiologia Motriz; Educação Física e Fisioterapia

ABSTRACT

This essay presents the deaf mini volleyball as a methodological proposal adapted for teaching volleyball to the deaf, bringing thoughts about social representation and the extremely important role for the construction of deaf identify related to hearing word. A contextualization of the deaf community and sport is carried out, trying to cite only deaf authors on this theme, pointing out that the deaf do not participate in the Paralympic Games, as their difference lies in the development of their potential through the gestural-visual channel, not fitting in, also, in the Olympic Games but in an event of its own, the Deaflympics (International Games for the Deaf). In volleyball training for the deaf community held at the Associação dos Surdos de Santa Maria (ASSM), it was noticed that the technical training model for hearing athletes did not arouse the desire to participate in the activity. For the deaf, training should have meaning and a direct relationship with the logic of the game, signaling an approximation with Motor Praxeology. Another aspect pointed out is the balance of some deaf athletes being different from hearing athletes during the execution of the touch, forearm pass, block, etc. The physiotherapist can identify these singularities and work together with the physical education professional, in order to enable the motor action, suggesting Pilates exercises that can be integrated into the training of deaf athletes.

Keywords: Deaf mini voleibol; Motor Praxeology; Physical Education and Physiotherapy

RESUMEN

El ensayo presenta al Minivoleibol para Sordos como una propuesta de metodología adaptada para la enseñanza del voleibol a estas personas, trayendo reflexiones sobre las representaciones sociales y el rol importantísimo del deporte, para la construcción de la identidad sorda en relación al mundo oyente. Se realiza una contextualización de la comunidad sorda y el deporte, tratando de citar solo autores sordos sobre este tema, señalando que los sordos no participan en los Juegos Paralímpicos, pues su diferencia radica en el desarrollo de sus potencialidades a través de lo gestual-visual canal, y tampoco encajando en los JJOO sino en un evento propio, los Deaflympics (Juegos Internacionales para Sordos). En el entrenamiento del voleibol para la comunidad sorda realizado en la Associação dos Surdos de Santa Maria (ASSM), se percibió que el modelo de entrenamiento técnico para atletas oyentes, no despertó el deseo de participar en la actividad. Para los sordos, el entrenamiento debe tener un significado y una relación directa con la lógica del juego, señalando una aproximación con la Praxiología Motriz. Otro aspecto señalado es el equilibrio de algunos atletas sordos siendo diferentes a los atletas oyentes durante la ejecución del toque, cabezazo, bloqueio, etc. El fisioterapeuta puede identificar estas singularidades y trabajar en conjunto con el profesional de la Educación Física, con el fin de posibilitar la acción motriz, con una propuesta de ejercicios de Pilates que pueden ser integrados en el entrenamiento de deportistas sordos.

Palabras clave: Minivoleibol para sordos; Praxiología Motriz; Educación Física y Fisioterapia.

1 INTRODUÇÃO

O surdo vive num mundo de maioria ouvinte e usa a língua oral - auditiva, no caso específico o Português, como forma de comunicação. Segundo Di Franco, Paludo e Lebedeff (2015) os surdos precisam desenvolver estratégias para sobreviver em seu meio. Essas estratégias vão criando adaptações e vivências e experiências, uma outra forma de se relacionar com o mundo que o cerca (Franco *et al.*, 2015).

A Língua Brasileira de Sinais - Libras, segundo Strobel (2008) é uma língua espacial-visual, que faz parte dos artefatos da Cultura Surda, assim como o esporte surdo. Composto o conjunto de artefatos, a experiência visual, relacionamentos familiares, literatura surda, artes visuais, vida social e política são de extrema importância para a construção da identidade surda em relação ao mundo ouvinte. No Brasil, a conquista do reconhecimento da língua de sinais como a língua oficial da comunidade surda se deu através da Lei de LIBRAS, nº 10.436 de 2002 (Brasil, 2002). Em 2005, houve o despacho do Decreto nº 5626, que assegura o direito da presença de intérpretes na educação e atos públicos, além da obrigatoriedade do ensino da Libras em cursos de licenciatura e formação de professores (Brasil, 2005). A partir de então, ocorreram profundas modificações quanto à participação dos surdos na sociedade, sendo autores de sua história, tendo mais acesso à educação, esportes, trabalho e política.

Segundo Silveira (2008) a história dos surdos é atravessada por representações sociais construídas principalmente por ouvintes, atribuindo aos surdos a marca de "incapacidade". Entretanto, os surdos foram realizando ações para sua autonomia, e o esporte foi um fator decisivo para a luta por seu lugar na sociedade. Segundo Strobel (2008), inicialmente as associações de surdos eram espaços de recreação e lazer e, posteriormente, passaram a ter um discurso mais político e de práticas esportivas, começando pelas competições de futebol, que evoluíram para as organizações de intercâmbio de diversos eventos esportivos dos surdos.

Conforme Di Franco (2019), os surdos não se consideram pessoas com deficiência, por isso não participam dos Jogos Paralímpicos. A diferença, para eles,

está pelo desenvolvimento de suas potencialidades através do canal gestual-visual, diferenciando-se dos ouvintes. Dessa forma, não se enquadram, também, nos Jogos Olímpicos (Di Franco *et al.*, 2019). Há, portanto, um evento próprio, as Deaflympics (Jogos Internacionais para Surdos), com a participação de atletas surdos de inúmeros países e diferentes modalidades. Em 2022, as Deaflympics ocorreram em Caxias do Sul/RS.

De acordo com Di Franco (2019) o I Campeonato Sul-Americano de Voleibol para Surdos aconteceu em Porto Alegre/RS, em 1987, onde a equipe feminina do Brasil conquistou o primeiro lugar, com o apoio da Confederação Brasileira de Desporto de Surdos (CBDS). O esporte, para a comunidade surda, tem um papel identitário e social muito forte. Há um crescimento considerável de participantes e eventos de desporto surdo a cada dia, aumentando o interesse de patrocinadores e espectadores, bem como da mídia (Di Franco *et al.*, 2019). Um exemplo foram as Surdolimpíadas Nacionais, realizadas nos anos de 2019 em Minas Gerais e 2021 em São Paulo, com vários surdoatletas representantes da região, bem como técnicos das equipes.

O voleibol, nesse contexto, vem se destacando na Região Central do estado. De acordo com Souza e Miranda (2021), principalmente, pelo trabalho desenvolvido na Associação dos Surdos de Santa Maria (ASSM), que usa a metodologia de Minivoleibol adaptada aos surdos praticantes de todas as idades. Na Surdolimpíada de 2019, foram convocados para representar o Voleibol de Surdos da Federação Desportiva de Surdos do Rio Grande do Sul (FDSRS) três atletas da região de Santa Maria e a técnica da equipe masculina. Em 2021, foram convocados seis atletas da região, dois técnicos e um auxiliar técnico, para as equipes masculina e feminina, evidenciando a evolução do trabalho realizado pela ASSM em descobrir atletas na região, inclusive entre alunos da UFSM (Souza & Miranda, 2021).

Para as Surdolimpíadas Mundiais de Verão, as Deaflympics, que foram realizadas de 1º a 15 de maio de 2022 em Caxias do Sul, com a participação de mais de cinco mil surdoatletas em mais de 20 modalidades esportivas, foram convocados

para a Seleção Brasileira de Vôlei para Surdos dois surdoatletas da região e, para a Seleção Feminina, uma surdoatleta, com a possibilidade de, no futuro, mais participantes surgirem nestes espaços de práticas de voleibol para surdos. Além dos surdoatletas, foi convocada a técnica de vôlei de praia, também da Associação dos Surdos de Santa Maria.

Há muitas histórias sobre o esporte de surdos, projetos e metodologias sem registro e pouco material para consulta. Tratando-se de voleibol para surdos, diminuí ainda mais as fontes. É uma história que precisa ser escrita. Ao iniciar o trabalho com voleibol para surdos na Associação dos Surdos de Santa Maria, em 2018, iniciou-se a adaptação de metodologia e tentativas de facilitar o ensino e aprendizagem do esporte. Acabou-se por “criar” o Minivoleibol para Surdos, em Libras e com explicações visuais, registrado em um livro editado no final de 2021. Essa metodologia de trabalho “nova”, ainda em construção, abre uma nova possibilidade de pesquisa e escrita sobre os sujeitos surdos no voleibol da Região Central do Rio Grande do Sul.

Importante ressaltar que muito da história da comunidade surda deixa de ser registrada ou é registrada por ouvintes. Para o presente trabalho foi dada preferência para citações de autores surdos. Em busca do desejo de conhecer a história e construir um registro sobre o voleibol para surdos, foi percorrido o caminho até o Mestrado em Ciências do Movimento e Reabilitação na UFSM. Tendo como base o livro sobre a então metodologia - atualmente reconhecida como modalidade pela Federação Desportiva de Surdos do Rio Grande do Sul (FDSRS) - Minivoleibol para Surdos, já havia percepção sobre a diferença de ensino e aprendizagem da modalidade pelos grupos de surdoatletas e, também, apontamentos sobre o equilíbrio desses sujeitos. Essas observações vão ao encontro da teoria da Praxiologia Motriz e suscita algumas considerações importantes e inovadoras sobre o trabalho da Educação Física e da Fisioterapia no Voleibol para Surdos.

2 DESENVOLVIMENTO

Ao iniciar as atividades de treinamento de voleibol para a comunidade surda junto à Associação dos Surdos de Santa Maria em 2018, percebeu-se que o modelo de treinamento técnico realizado com atletas ouvintes não suscitava o desejo de aprender e participar a atividade. Para os surdos, o treino deveria ter significado e relação direta com a lógica do jogo. Sem a relação com a lógica, os surdos desistiam da prática. Outro fato destacado como diferença se refere à distância entre atletas e treinador no ginásio, não sendo viável o uso de apito. Foram circunstâncias que motivaram a busca por uma nova maneira de estruturar os treinos, tornando-os acessíveis e atrativos, a fim de conquistar a comunidade surda de Santa Maria e região para a prática do voleibol. Com intuito de reduzir o tamanho da quadra para a proximidade e facilitar o uso de Libras, também para explicar táticas e regras, surgiu a ideia de usar, com surdos de todas as idades, na grande maioria adultos, a metodologia de minivoleibol.

Segundo Quadros Junior, Quadros e Gordia (2007):

[...] o voleibol apresenta uma série de dificuldades motoras, como velocidade, destreza, habilidade de salto e reflexos, além de exigir também atenção e raciocínio rápido para organizar as jogadas, características estas que podem desestimular muitas crianças se estas só começarem a jogar depois dos 14 anos. Nesta idade o medo de rejeição e aceitação pelo outro pode inibir um iniciante no esporte pela exigência de habilidades necessárias, o que justifica uma iniciação lúdica ao jogo de vôlei antes da forma tradicional e mais elaborada. E isto pode ser conseguido através do mini-voleibol.

De 2018 a 2021, com pausa de 2020 em virtude da pandemia, o minivoleibol com algumas adaptações foi usado nos treinos da ASSM e se concretizou como potencializador da prática. Durante a disciplina de Seminários, a tomada de conhecimento sobre a Praxiologia Motriz sinalizou um caminho para uma futura análise e sistematização do trabalho desenvolvido com o voleibol para surdos, partindo do minivoleibol.

Partindo do pressuposto de que a Praxiologia Motriz tem como campo de pesquisa as mais variadas práticas motrizes e, como objeto de estudo, as ações motrizes de tais práticas, Parlebas ainda se refere à Praxiologia Motriz como a “Teoria da Ação Motriz”. A ação motriz está inteiramente relacionada ao sistema de regras que rege a prática, pois é ele quem determina a forma como os jogadores poderão atuar e por meio de quais ações motrizes (Oliveira; Ribas, 2019). Exemplificando essa ideia, pode-se afirmar que no momento ataque do Voleibol, o jogador poderá atuar, conforme o regulamento oficial dessa modalidade esportiva, por meio das ações motrizes da cortada, do toque, da manchete ou de outros recursos, conforme as condições que lhes for empregada e considerando o objetivo desse momento ofensivo que é dificultar as ações aos jogadores adversários (bloqueadores e defensores).

Ribas (2014) partiu das possibilidades de interação com o material, caracterizando como papéis do Voleibol os seguintes: jogador com bola, companheiro de quem está com a bola e jogador sem bola. Já Fagundes e Ribas (2017a) aportaram-se no corpo de regras, tendo como pressuposto a relação dos jogadores com o espaço, a partir da rotação, identificando os seguintes papéis: sacador, defensor e atacante.

Com base em anotações e leituras realizadas na Disciplina de Seminários em Pedagogia das Práticas Corporais e Esportivas do Mestrado em Ciências do Movimento e Reabilitação da UFSM, aborda-se a Praxiologia Motriz, teoria científica idealizada por Pierre Parlebas na década de 1960 e centrada na ação motriz como unidade básica de trabalho. Praxiologia Motriz se limita a estudar a ação especificamente motriz, aquela que cobra sentido e se concretiza na intervenção do corpo e na atualização das condutas motrizes (Ribas, 2002). Um livro de fundamental relevância para a teoria é o léxico que dá definições importantes. A ação motriz pode é resultante da relação entre o jogador e a prática motriz. Segundo anotações realizadas durante as aulas, a conduta motriz se dá no contexto de jogo, acontecendo através de adaptações podendo sinalizar, numa nova perspectiva, nas

atividades de fisioterapia. A Praxiologia Motriz estuda a lógica interna das práticas motrizes, mas não pode ser considerada uma prática pedagógica. A lógica interna é o sistema de características pertinentes a uma situação motriz e das consequências que implicam para a realização da ação motriz correspondente.

O sistema de classificação companheiro – adversário – incerteza (CAI) é uma ferramenta que agrupa práticas motrizes, considera a lógica interna e as interações presentes dentro do esporte. Aqui, especificamente, no Minivoleibol para Surdos é realizado com três jogadores em cada equipe, a quadra tem medidas de 4,5 m de largura e 7,5 m de comprimento, com a altura da rede entre 2,24 m (feminino) e 2,40 m (masculino), apresenta-se com interações presentes no voleibol e situações motrizes de cooperação, oposição e cooperação-oposição. As regras do Minivoleibol para Surdos ainda estão sendo construídas pela comunidade surda, como a ausência da cobrança de dois toques, um único set até 30 pontos, trocando de quadra em 15 pontos. Na análise do espaço, tempo e material/objeto, é possível observar algumas diferenças da lógica interna do voleibol convencional. Entretanto, o Minivoleibol para Surdos possui muitos elementos semelhantes que o torna uma ponte para o voleibol de surdos. No papel sociomotriz, há defesa e ataque. Nos papéis estratégicos, não há especialidades definidas, podendo os jogadores realizar o levantamento, ataque e defesa, rodando e realizando as três ações. Há rotação, no sentido horário, com um jogador que executa o levantamento e realiza o bloqueio, ficando os outros dois jogadores ao fundo para saque, recepção, defesa e preparação para o ataque. Também é possível que o jogador que está na posição junto à rede para o levantamento realize apenas a cobertura e não bloqueie, e o outro que está na defesa bloqueie. É importante ressaltar que todos devem efetuar a rotação e passar pelas três posições e ações. Na questão do léxico, sendo Libras a língua utilizada, seria necessário fazer uma comparação de palavras com sinais, o que demandaria um estudo específico e aprofundado pois, linguisticamente, Libras é diferente de Português. A questão em pauta é que, para aprender voleibol, os surdoatletas precisam perceber relação do treinamento com a lógica do jogo, o que cunhou com o

desenvolvimento do Minivoleibol para Surdos em Santa Maria/RS e vai ao encontro com a teoria da Praxiologia Motriz.

Outro aspecto interessante de destacar é o equilíbrio de significativa parte dos surdoatletas ser diferente do equilíbrio de atletas ouvintes. Dentro das grandes situações motrizes, a fisioterapia, usando de atividades didáticas, pode se tornar uma grande aliada no processo de desenvolvimento do Minivoleibol de Surdos. Sabe-se que o surdo possui um déficit de equilíbrio, isto pode ser melhor observado no atleta durante a execução dos movimentos básicos do esporte, como no caso do voleibol o toque, manchete, bloqueio, etc. Neste contexto, cabe ao fisioterapeuta identificar estas singularidades dentro da propriocepção, e corrigi-las, de modo que trabalhe juntamente com o profissional de educação física, a fim de possibilitar a ação motriz. Segundo Makaraci e colaboradores (2021), este desequilíbrio observado em atletas surdos pode estar intimamente relacionado ao aparelho vestibular, decorrente da deficiência sensorial dos mesmos (Makaraci *et al.*, 2021).

Entende-se que o trabalho de estabilidade e equilíbrio devem ser realizados como forma de aprimorar este déficit. Ainda, outros autores apontam que o atleta surdo pode apresentar, além do controle motor deficitário, influência negativa da força muscular e performance no salto, dependendo também do quanto este centro auditivo é afetado (Soslun *et al.*, 2022). Ainda, revisão recente apontou que indivíduos surdos que realizaram trabalho proprioceptivo, deixaram de apresentar déficit de equilíbrio, comparado aos que não o fizeram (Norasteh; Zarei, 2019). Portanto, a fisioterapia busca reduzir o desequilíbrio e melhorar a performance do atleta por meio de exercícios proprioceptivos. Alguns protocolos de exercícios podem ser integrados à prática de treinamentos dos atletas, tais como o método Pilates. Estudo recente demonstrou que o uso de um Protocolo de Pilates para surdos, executado durante oito semanas, foi capaz de melhorar o equilíbrio dinâmico destes indivíduos. O programa de exercícios consistia em exercícios para musculatura abdominal, diafragmática, lombo-pélvica, desse modo, se busca a redução do deslocamento do centro de gravidade e melhora do sistema neuromuscular (Zarei *et al.*, 2020). Durante

a realização do trabalho proprioceptivo e do Protocolo de Pilates, pode-se observar a cooperação e a atividade didática na explicação da realização dos exercícios e sua relação com o equilíbrio.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita inicial deste ensaio tem caráter de ineditismo duplo: por se tratar de voleibol e Minivoleibol para Surdos e uma primeira aproximação da educação física e fisioterapia no desenvolvimento de treinamento para surdos. São várias questões a serem consideradas, desde o aspecto histórico da surdez e do esporte surdo, ao voleibol na região, minivoleibol e planejamento conjunto com a fisioterapia para melhorar a capacidade dos jogadores de interagir com os diferentes elementos da lógica interna no que se refere à relação com o espaço e material/ objeto. A melhora no equilíbrio dos surdoatletas é uma questão de suma importância para o desenvolvimento da prática do Minivoleibol para Surdos e do voleibol, não apenas pela ocupação do espaço, realização dos gestos técnicos com mais precisão, mas, principalmente, por diminuir a incidência de toques na rede e invasões, que dificultam o jogo e podem acarretar lesões entre os praticantes. Sugere-se que o Protocolo de Pilates deva acontecer no momento inicial da prática do Minivoleibol para Surdos, no solo dentro da quadra, estando relacionado com o jogo. Ainda há muito a ser lido, debatido e escrito sobre esse tema, mas houve uma abertura de possibilidade para análise mais aprofundada e trabalho interdisciplinar da Educação Física e Fisioterapia no Voleibol e Minivoleibol para Surdos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, República Federativa do. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 20 abr. 2021.

BRASIL, República Federativa do. Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005.

Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 20 abr. 2021.

DI FRANCO, Marco A. R. **Esportes Surdos na constituição da identidade**. 2015.

Disponível em:

http://www.2015.sbece.com.br/resources/anais/3/1430063771_ARQUIVO_Completo_SBECE_EsporteSurdos.pdf. Acesso em: 20 abr. 2021.

DI FRANCO, Marco A. R. **Surdolimpíadas (Deaflympics): histórias e memórias dos esportes surdos no Brasil (1993 – 2017)**. Tese de Doutorado. UFRGS, 2019.

DI FRANCO, Marco A. R.; PALUDO, Simone dos S.; LEBEDEFF, Tatiana B. **Esportes surdos na constituição do ser social: uma compreensão histórica sob a perspectiva da Educação Ambiental**. Revista Educação Especial v. 28, n. 52, p. 365-376, mai./ago., 2015. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/index.php/educacaoespecial/article/view/14964>. Acesso em: 20 abr. 2021

Fagundes, Felipe Menezes. **O Modelo Teaching Games for Understanding e a Praxiologia Motriz: sistematização do ensino para compreensão da lógica interna do voleibol**. Dissertação de Mestrado. UFSM, 2019.

MAKARACI, Y. et al. **Center of pressure-based postural sway differences on parallel and single leg stance in Olympic deaf basketball and volleyball players**. Journal of Exercise Rehabilitation, v. 17, n. 6, p. 418–427, 2021.

NORASTEH, A. A.; ZAREI, H. **Studying Balance in Deaf People: A Systematic Review Study**. Journal of Rehabilitation, v. 20, n. 1, p. 2–15, 30 abr. 2019.

OLIVEIRA, Raquel Valente de; RIBAS, João Francisco Magno. **The Internal Logic of Volleyball under the Lenses of Motor Praxeology**. Journal Of Physical Education, v. 30, n. 1, p. 1-12, jul. 2019.

QUADROS JÚNIOR, Paulo Konorr de; QUADROS, Teresa Maria Bianchini de; GORDIA, Alex Pinheiro. **Proposta metodológica para o minivoleibol: uma estratégia para iniciação esportiva de crianças**. Revista Lecturas: Educación Física y Deportes, n. 110, Buenos Aires, 2007. Disponível em:

<https://www.efdeportes.com/efd110/proposta-metodologica-para-o-mini-voleibol.htm>. Acesso em: 20 abr. 2021.

RIBAS, João Francisco Magno. **Contribuições da Praxiologia Motriz para a Educação Física escolar – Ensino Fundamental**. 2002. 256 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Universidade de Campinas, Campinas, 2002.

RIBAS, J. F. M. (Org.). **Praxiologia Motriz e Voleibol: elementos para o trabalho pedagógico**. Ijuí: UNIJUÍ, 2014.

SILVEIRA, Carolina H. **Representações de surdos/as em matérias de jornais e revistas brasileiras Educação**. Revista do Centro de Educação, vol. 33, núm. 1, janeiro-abril, 2008, pp. 171-190. Universidade Federal de Santa Maria Santa Maria, RS, Brasil

SOSLU, R. et al. **Deaf and non-deaf basketball and volleyball players' multi-faceted difference on repeated counter movement jump performances: Height, force and acceleration**. *Frontiers in Sports and Active Living*, v. x, n. xx, p. 1–12, 2022.

SOUZA, M. E. G; MIRANDA, J. **Minivoleibol para surdos: uma breve pesquisa bibliográfica e relatos de práticas na Associação dos Surdos de Santa Maria**. Porto Alegre: Editora Alcance, 2021.

STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

Disponível:https://www.academia.edu/41857386/As_imagens_do_outro_sobre_a_cultura_surda?pop_sutd=fals. Acesso em: 14 mar. 2022.

ZAREI, H. et al. **The effects of Pilates training on static and dynamic balance of female deaf students: A randomized controlled trial**. *Journal of Bodywork and Movement Therapies*, v. 24, n. 4, p. 63–69, 1 out. 2020.

Contribuição de autoria

1 – Maria Esther Gomes de Souza

Mestranda em Ciências do Movimento e Reabilitação pela Universidade Federal de Santa Maria. Bacharel em Educação Especial - Habilitação em Deficientes da Audiocomunicação pela universidade Federal de Santa Maria e em Educação Física pelo Centro Universitário Interacional.

<https://orcid.org/0009-0009-6859-6916> • mariaastar_487@hotmail.com

Contribuição: Pesquisa e redação do manuscrito original.

2 – Léo José Rubin Neto

Mestrando em Ciências do Movimento e Reabilitação e Bacharel em Fisioterapia pela Universidade Federal de Santa Maria.

<https://orcid.org/0000-0003-2682-238X> • leojose01@hotmail.com

Contribuição: Pesquisa e redação do manuscrito original.

Como citar este artigo

SOUZA, M. E. G.; NETO, L. J. R.. Minivoleibol para Surdos e Praxiologia Motriz: um ensaio sobre práticas interdisciplinares de Educação Física e Fisioterapia. **Revista Kinesis**, Santa Maria, v. 42, n. esp. 1, e84681, p. 110-122, 2024. DOI 10.5902/2316546484681. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2316546484681>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.